

Desafios e dilemas da educação superior na economia do conhecimento

José Vieira de Sousa

Margareth Guerra dos Santos

Resumo

O artigo analisa desafios e dilemas do campo da educação superior na economia do conhecimento, argumentando como, em contextos emergentes, esse campo enfrenta impasses decorrentes da transposição dos princípios da economia para sua dinâmica, em diferentes países. Discute como a economia do conhecimento concorre para a mercadorização desse nível de ensino e a disputa pelo conceito de *world-class universities*, de maneira associada à expressão do gerencialismo, do Tratado de Bolonha e da formação da *European Higher Education Area* no mundo globalizado e competitivo. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica sobre a relação da educação superior na economia do conhecimento no plano global, fazendo referências ao cenário brasileiro. Conclui-se que, se a educação superior, por um lado, tem sofrido, cada vez mais, as repercussões da aplicação dos princípios do mundo da economia sobre suas políticas e práticas institucionais, fenômeno que traz fortes implicações para sua crescente mercadorização e para a indução ao capitalismo acadêmico, por outro, reitera seu indiscutível papel para o desenvolvimento do projeto político dos países.

Palavras-chave: educação superior; economia do conhecimento; contexto emergente.

Abstract

Challenges and dilemmas of higher education in the knowledge economy

The study analyzes the challenges and dilemmas in the field of higher education in the knowledge economy, arguing how this field, in emerging contexts, copes with impasses arising from the transposition of economic principles of different countries into its dynamics. We discussed how the knowledge economy contributes to the commodification of higher education and the disputes over the concept of world-class universities, associated with an expression of managerialism, the Bologna Process, and the formation of the European Higher Education Area in a globalized and competitive world. The methodology adopted is based on bibliographical research on the relationship, at the global level, between higher education and the knowledge economy, making references to the Brazilian landscape. It is concluded that, on the one hand, higher education has increasingly suffered the repercussions of the application of principles from the world of economics on its institutional policies and practices, a phenomenon that has strong implications for its growing commodification and for the induction of academic capitalism, while, on the other hand, it reiterates its indisputable role for the development of several countries' political projects.

Keywords: higher education; knowledge economy; emerging context.

74

Resumen

Desafíos y dilemas de la educación superior en la economía del conocimiento

El artículo analiza desafíos y dilemas en el campo de la educación superior en la economía del conocimiento, argumentando cómo, en contextos emergentes, este campo enfrenta impasses derivados de la transposición de principios económicos a su dinámica, en diferentes países. Discute cómo la economía del conocimiento contribuye a la mercantilización de este nivel de enseñanza y la disputa por el concepto de universidades de clase mundial, asociado a la expresión del gerencialismo, del Proceso de Bolonia y de la formación del Espacio Europeo de Educación Superior en un mundo globalizado y competitivo. La metodología adoptada es la investigación bibliográfica sobre la relación de la educación superior en la economía del conocimiento en el plano global, haciendo referencias al escenario brasileño. Se concluye que, si la educación superior, por un lado, ha sufrido, cada vez más, las repercusiones de la aplicación de principios del mundo económico en sus políticas y prácticas institucionales, fenómeno que tiene fuertes implicaciones para su creciente mercantilización y para la inducción al capitalismo académico, por su parte, le reitera su papel indiscutible para el desarrollo del proyecto político de los países.

Palabras clave: educación superior; economía del conocimiento; contexto emergente.

Introdução

Este artigo analisa o campo da educação superior (ES) na economia do conhecimento, destacando dilemas e desafios presentes nesse campo, que repercutem significativamente sobre sua realidade, em diferentes países. Considera-se que o fenômeno em questão ocorre em contextos emergentes, os quais, na perspectiva da ES, podem ser compreendidos como construções “observadas em sociedades contemporâneas e que convivem em tensão com concepções pré-existentes, refletoras de tendências históricas” (Morosini, 2014, p. 386).

A discussão realizada parte de três pressupostos básicos. O primeiro concebe a educação superior como um campo que apresenta múltiplas realidades, cujo exame demanda ter em vista que nele transita uma gama expressiva de atores que revelam interesses distintos sobre sua dinâmica. Dentre esses atores, destacam-se instituições com vocações e perfis acentuadamente diferentes, poder público, pesquisadores, professores, discentes, gestores que atuam nas esferas pública e privada, entidades patronais, sindicatos de trabalhadores, órgãos que estimulam e subsidiam pesquisas, além de organizações supranacionais.

O segundo pressuposto considera que, nos contextos emergentes, o campo da ES mundial sofre as fortes consequências da transposição dos princípios da economia para sua dinâmica, em níveis de intensidade nunca vistos em qualquer outro momento histórico de sua evolução. Concretamente, tais princípios trazem sérias implicações para a defesa da concepção de educação superior na perspectiva de um bem público e direito social/universal, portanto, inalienável, além de contribuir significativamente para a instalação de uma nova lógica nesse campo.

O terceiro pressuposto se refere à necessidade de o debate sobre a educação superior levar em conta seus determinantes políticos e aqueles estruturantes da economia do conhecimento, mas sem perder de vista que a universidade representa, historicamente, a agência de produção e transmissão da cultura com qualidade social para todos, buscando soluções institucionais e coletivas para as demandas que lhe são apresentadas pela sociedade.

O texto está estruturado em três partes, além da introdução e das considerações finais. Inicialmente, aborda o cenário contemporâneo no qual a educação superior vem sendo desenvolvida. Em seguida, enfatiza alguns desafios enfrentados pela ES em contextos emergentes. Por último, discute esse nível de ensino na economia do conhecimento, destacando a *world-class universities* como um conceito em disputa na competitividade instalada nesse campo.

Cenários da educação superior na contemporaneidade

O campo da educação superior sofre impacto de heranças voltadas às políticas educacionais no século 20, em um palco de mudanças denominado por Santos (2015) de globalização planetária, concebida pelo autor como um conjunto de ideias hegemônicas que buscam estabelecer e legitimar um novo modo de vida social. Em

decorrência disso, a complexidade desse campo demanda o debate de fenômenos como capitalismo, neoliberalismo e globalização, não como questões conceituais isoladas, mas na intrínseca relação que possuem, a qual concorre significativamente para definir os contornos da reconfiguração das políticas formuladas para o setor.

O fenômeno da globalização provocou, sobre todos os continentes, a expansão de um novo mercado que influenciou as políticas educacionais, considerando-se posicionamentos ideológicos e políticos recentes, os quais definiram o cenário da educação nas últimas décadas do século 20 e nas primeiras do século 21. No caso do Brasil, isso vem ocorrendo em um cenário de contradições, notadamente, no que tange à constante e drástica redução dos investimentos públicos no setor, por parte do Estado, e à configuração de um mercado de educação superior. A conformação desse mercado ocorre contando, em muitos casos, com grandes empresas multinacionais que gerenciam a educação superior por meio de mantenedoras de capital internacional, gerando transformações desastrosas nos seus fins sociais e intensificando a mercantilização desse nível educacional.

Nesse contexto, surgem novas lógicas acumulativas que apresentam elementos fundantes para a construção de um capitalismo científico, sob uma lógica de produção de mercadorias na forma de serviços educacionais. Na reflexão que empreende sobre a questão, Harvey (2014, p. 123) assevera que “a produção organizada do conhecimento passou por notável expansão nas últimas décadas, ao mesmo tempo que assumiu cada vez mais um cunho comercial”. O cenário construído a partir disso aponta o redesenho de uma política mundial em torno da educação superior, que assume centralidade nas exigências da globalização, de maneira associada às demandas do capitalismo acadêmico.

É no mesmo cenário que o fenômeno do neoliberalismo se instalou e vem ganhando força, como resultante de uma superestrutura ideológica e política que caminha na esteira das transformações do capitalismo. “Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política” (Anderson, 1995, p. 9). Tal fenômeno traz novas representações orientadas pela lógica do mercado, que, ao se sobrepor ao Estado nacional e à sociedade, provoca a mercadorização da educação superior, em larga escala, em vários países.

Desafios da educação superior em contextos emergentes

As mudanças sofridas pelo campo da ES, nos contextos emergentes, estão associadas diretamente ao crescente distanciamento entre países de centro, semiperiferia e periferia. Em vários países, esse campo enfrenta grandes desafios, cuja configuração acontece em um contexto sócio-histórico marcado por tensões que lidam com a dialeticidade global/local. Na visão de Morosini (2014), um desses desafios é a pressão de políticas para a educação superior na fronteira da disputa entre paradigma da sociedade do conhecimento *versus* economia do conhecimento.

Em um cenário de acumulação do capital e de contradições, os princípios do mundo econômico vêm constituindo um novo paradigma para a ES, baseado em competitividade, produtividade e parcerias público-privadas. Esse fenômeno ocorre em contextos emergentes em construção no interior da nova ordem educacional globalizada e sob a égide do capital.

A tensão, fruto da bipolaridade da educação superior em contextos emergentes, situa-se entre modelos de universidade tradicional e modelos neoliberais, construídos em torno do conceito de sociedade do conhecimento (Morosini, 2014), o qual gera um processo de sua mercantilização, que se constrói com base nas diretrizes do campo econômico. Nesse cenário, ocorre a produção de um conhecimento repartida em blocos daqueles que o dominam e daqueles que lhe são passivos, impulsionada por processos de exclusão social relativa ao acesso, ao conhecimento e à informação. Um desafio desse modelo de sociedade consiste em sua luta para evitar que se reduza à informação e à tecnologia, de maneira a preservar sua natureza humana.

Nos contextos emergentes, três expressivos fenômenos impactam as recentes transformações do campo da educação superior. O primeiro deles é a *perspectiva gerencialista* na ambiência universitária, cujos princípios mantêm relação direta com as reformas gerenciais promovidas, nas últimas décadas, e orientadas para a qualidade e excelência. O gerencialismo repercute sobre o novo modelo de universidade, que passa a lidar com desafios e dilemas inerentes às ações que essa instituição define para figurar no competitivo campo em questão. De maneira bastante enfática, o gerencialismo produz e dissemina o discurso da eficiência, da eficácia, da excelência, da meritocracia e da qualidade orientada por parâmetros e indicadores do mercado para a educação superior (Oliveira, 2015).

O segundo consiste no Tratado de Bolonha, assinado em 1998, com a proposta de reforma universitária estruturada em torno de dois eixos centrais: competitividade do sistema europeu de educação superior, e mobilidade e empregabilidade no espaço europeu. Para tanto, tem como foco “uma reorganização de todo o sistema europeu de ensino em torno de um processo formativo com novos valores, com base em competências, em aprendizagens, em conhecimentos” (Pereira; Almeida, 2011, p. 9).

O terceiro fenômeno iniciou em 2008, quando os titulares dos Ministérios da Educação Superior da Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e França se reuniram, em Paris, e produziram a Declaração de Sorbonne, posicionando-se a favor da criação da *European Higher Education Area (EHEA)*. A instituição desse espaço foi uma decisão de grande impacto tomada no contexto do Tratado de Bolonha, para promover a unificação dos sistemas europeus de educação superior e permitir a mobilidade de estudantes e a complementaridade de estudos, objetivando competir com as grandes universidades dos Estados Unidos.

Educação superior e economia do conhecimento

Mantendo grande proximidade com o campo econômico, na atualidade, a educação superior é desenvolvida em cenários mundiais e nacionais competitivos, nos quais a expansão de suas fronteiras ocorre em uma sociedade globalizada fortemente envolvida pela economia do conhecimento e pela instalação de uma nova lógica, surgida em contextos emergentes. Defendida por um discurso ideológico que a sustenta “como a mobilização das competências empresariais, acadêmicas e tecnológicas com o objetivo de melhorar o nível de vida das populações” (Squirra, 2005, p. 262), a economia do conhecimento passou a ganhar força no final da década de 1990. Para o autor, a construção desse tipo de economia acontece a partir de elementos fundamentais, como renda *per capita*, em sua relação com o desenvolvimento humano, e a capacidade de produzir conhecimentos, na perspectiva de transformá-los em riquezas.

Todavia, o próprio conceito de economia do conhecimento envolve polêmicas, seja em relação a questões de natureza epistemológica, seja da utilidade que assume, no caso, diante da educação superior. A justificativa para isso é que, se, por um lado, elementos como a criatividade e a inventividade estão associados a ele, por outro, sua produção ganha força a partir de opções epistemológicas e formas de financiamento que induzem os parâmetros das relações que se constroem entre pesquisadores e ciências, baseados na competitividade e no capitalismo científico.

78

Os contextos emergentes criaram as condições propícias para que surgisse a economia global do conhecimento, fazendo com que as universidades assumissem a condição de atores-chave do processo e travando “uma batalha [...] por mentes e mercados” (Robertson, 2009, p. 415). Significa que as políticas formuladas pela educação superior nos diferentes países passam a ser orientadas por interesses de natureza política e econômica mais abrangente, que são estratégicos para o desenvolvimento dos países. Consequentemente, os países tendem a contemplar, em seus planejamentos estatais, o investimento em suas instituições universitárias com o intuito de torná-las de classe mundial, cuja avaliação acontece à luz de padrões e critérios globais, impulsionando os *rankings*. Tal fato leva o conhecimento a assumir, na atualidade, expressiva importância e a ser reconhecido como a principal força do modo produtivo capitalista.

Em nível mundial e de maneira cada vez mais intensa, tem ocorrido a transferência dos princípios da economia para as universidades, fato que contribui fortemente para que, muitas vezes, essas instituições sejam estimuladas a produzir patentes para setores diversos e a superar, em um considerável número de casos, as próprias empresas nesse quesito (Altbach; Salmi, 2011). Isso acontece em uma sociedade caracterizada por processos de globalização, na qual o conhecimento passa a ser uma mercadoria de expressivo valor. Na condição de instâncias em que esse conhecimento é gerado, as universidades e outras instituições são pressionadas a exercer novas funções para cumprir as exigências do mundo globalizado, dentre as quais, ganham destaque aquelas voltadas para a economia do conhecimento.

Na educação superior brasileira, os impactos desse tipo de economia mantêm alinhamento com as políticas definidas para o setor, em nível mundial. No cenário nacional, a universidade se insere no modelo de mercadorização, apoiada em um novo modelo de conhecimento e em novas formas de organização institucional, diante dos desafios da cadeia produtiva do mercado global. O aligeiramento da formação, considerando a lógica do capital, a expansão descontrolada da educação a distância, a avaliação produtiva dos docentes-pesquisadores, o gerencialismo, as parcerias público-privadas com aval governamental, e a indução dos órgãos de regulação a produzir indicadores de qualidade voltados para um novo perfil de universidade baseada na lógica produtiva do mercado exemplificam as expressões da economia do conhecimento na educação superior do Brasil.

A economia do conhecimento se traduz, também, na economização da educação, em que os princípios e a lógica econômica direcionam a produção de conhecimento que se evidencia, sobretudo, naquele voltado para os fins técnicos e produtivos. Na prática, contribui para produzir, na educação superior mundial e nacional, fenômenos de grande alcance social, político, financeiro e epistemológico, como mercantilização, tecnoburocracia e ciência a serviço dos imperativos do mercado.

O campo da educação superior, marcado por grande competitividade, vem passando por significativa reconfiguração em todos os continentes, tendo como resultado, entre outros, a intensificação do processo de heterogeneidade das instituições e o surgimento de novos espaços transnacionais nesse campo. Três fenômenos têm contribuído para a construção desses espaços: “processo de desterritorialização do ensino superior; [...] incremento da mobilidade internacional dos estudantes; [...] surgimento dos *rankings* globais” (Martins, 2021, p. 5).

Também é na reconfiguração do campo da educação superior e do contexto da economia do conhecimento que a disputa em torno do conceito de *world-class universities (WCU)* passou a ganhar centralidade, a partir da segunda metade da década de 1990. Essas instituições fazem parte de um grupo diferenciado de universidades, por terem conquistado um elevado nível de excelência nas atividades de ensino e pesquisa. A posição alcançada pelas *WCU* tem se mostrado decisiva para o seu reconhecimento, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento dos seus países, bem como para as regiões do mundo onde estão situadas (Altbach; Salmi, 2011). Configuram-se como um tipo específico de instituição com notório destaque no campo da educação superior pelo elevado nível de excelência evidenciado nas atividades que realizam, e isso explica sua condição desejada por vários países, a qual serve como referência para o comportamento que as demais universidades assumem no campo mais amplo do qual fazem parte.

Dentre as principais características desse novo modelo de universidade, destacam-se excelência à pesquisa, garantia de financiamento e, conseqüentemente, infraestrutura adequada. Entretanto, ao orientarem suas práticas nesta direção acabam alinhando-se e alimentando os *rankings* internacionais. “Assim, os *rankings* universitários ignoram a grande maioria das instituições em todo o mundo, as quais não podem competir em igualdade de condições com as universidades de classe

mundial” (Millot, 2014, p. 62-63). Assumindo características como essas, as *world-class universities* investem na definição de políticas institucionais que resultem em apoio e encorajamento aos acadêmicos para que publiquem trabalhos em revistas internacionais de impacto científico e cultural em países de língua inglesa, bem como na captação de professores de renome internacional (Hazelkorn, 2011).

As classificações internacionais revelam contradições em relação às *world-class universities*, sendo uma delas o fato de que, na busca por se transformar nesse modelo, as instituições criam um ambiente competitivo em seu interior, definindo comparações de desempenho, as quais se associam a *rankings* nacionais e internacionais. Em consequência, os *rankings* que induzem à luta pela obtenção desse título têm se tornado objeto de intensas discussões em fóruns acadêmicos e não acadêmicos, associadas ao cenário de sua internacionalização.

Nos últimos anos, embora várias classificações das universidades mundiais tenham sido produzidas por instituições de diferentes países, duas delas são reconhecidas como os *rankings* acadêmicos pioneiros globais. A primeira classificação é promovida, desde 2003, pela Shanghai Jiao Tong University (STJU), intitulada *Academic Ranking of World Universities (Arwu)*, que passou a classificar, anualmente, as principais universidades do mundo, tendo como critério básico seus resultados de pesquisa. A segunda é britânica – *Times Higher Education World University Rankings (THE)* –, criada em 2004, e que analisa, dentro dos limites possíveis, a qualidade da formação ofertada aos estudantes. Conforme esses dois rankings, essas universidades têm características hegemônicas: a maioria das 20 delas que alcançou essa condição acadêmica está sediada nos Estados Unidos; quase todas localizam-se em países ocidentais ou anglo-saxões e estão em países onde a língua inglesa é hegemônica e prevalentemente no hemisfério norte.

Enfim, em uma sociedade na qual se instalou a economia do conhecimento, tem aumentado, cada vez mais, a centralidade do papel da educação superior para as estratégias de inovação e desenvolvimento dos países. Competindo para se instalar em um cenário que impõe à educação superior seu alinhamento aos princípios desse tipo de economia, as *world-class universities* se submetem a padrões avaliativos globais, cuja definição ocorre visando à cultura de excelência associada, em última instância, à defesa de uma perspectiva científica mundial. Entretanto, como bem adverte Bourdieu (2002, p. 3), a vida intelectual não é espontaneamente internacional.

Considerações finais

Em contextos emergentes, o campo da educação superior enfrenta desafios diversos, sendo o principal deles repensar seus rumos, tendo como referência a relação que se estabelece entre as demandas sociais e as políticas institucionais que o movimentam. Assim, tais desafios estão associados às reconfigurações que o citado campo tem sofrido, nas últimas décadas, levando-o a incorporar a concepção do conhecimento como um produto de valor de mercado. Entretanto, na perspectiva da resistência, no mundo contemporâneo, a defesa da educação superior como bem público e direito social/universal implica assumir que a economia “é uma dimensão

essencial da vida humana, mas não é a razão de ser da sociedade. Ao contrário, é a sociedade guiada pelo valor moral do bem comum que a deve determinar” (Dias Sobrinho, 2013, p. 110).

Ao mesmo tempo que revela sua imperiosa contribuição para avanços no desenvolvimento dos países, em diferentes partes do mundo, a educação superior enfrenta dilemas nos contextos emergentes. Por sua vez, esses novos contextos trazem tensões diversas para as instituições universitárias e não universitárias ao promoverem a geração, a disseminação e a socialização do conhecimento científico, tecnológico, humanístico e profissional, o que é imprescindível que ocorra de maneira articulada à dimensão de uma cidadania universal. Na integração desses e de outros tipos de conhecimentos, é indispensável que, mesmo lidando com os desafios da economia do conhecimento, a educação superior continue a expressar seu compromisso com a formação de profissionais críticos, autônomos, éticos e reflexivos, capazes de fazer intervenções conscientes na defesa das necessidades de uma sociedade democrática, plural e inclusiva.

Em contextos emergentes que passam por profundas mudanças, a ES reitera seu papel estratégico para o projeto político dos países. Nesse contexto e como instituição histórica, tradicionalmente ligada à produção do conhecimento, a universidade se mostra fundamental para o desenvolvimento das sociedades. Isso porque sua concepção implica o seu reconhecimento como a instituição que, historicamente, tem sido reconhecida como porta de entrada dos problemas apresentados pela sociedade e, também, o espaço no qual são construídas soluções para esses mesmos problemas. Com efeito, esse movimento duplo atesta o engajamento da ideia histórica de universidade com determinado projeto de sociedade.

Com base nas discussões expostas neste artigo, reitera-se uma questão central: em uma sociedade na qual a educação superior é fortemente afetada pela economia do conhecimento, só é possível romper com a lógica hegemônica dos conceitos impostos pela lógica do capital quando se assume o compromisso com os interesses do coletivo. Significa buscar a crítica para romper com as amarras das correntes ideológicas dominantes e neoliberais, compartilhando a tese marxista de que não há emancipação de indivíduos, mas de toda a humanidade. Afinal, mais que nunca, é preciso contrapor o ideal da emancipação política com o ideal da emancipação humana. “A emancipação política, de fato, representa um grande progresso; não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral [...] Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática” (Marx, 2010, p. 41).

Por fim, é importante expressar a compreensão de que o campo da educação superior em contextos emergentes sofre contradições que precisam ser dissipadas, reafirmando a necessidade de reconfigurações em prol das sociedades com foco na humanização, buscando formas de combater os efeitos da economia do conhecimento na dinâmica que se instala nesse campo, de maneira cada vez mais intensiva.

Referências bibliográficas

- ALTBACH, P. G. The costs and benefits of world-class universities. *Academe*, [Washington, DC], v. 90, n. 1, p. 20-23, 2004.
- ALTBACH, P. G.; SALMI, J. Introduction. In: ALTBACH, P. G.; SALMI, J. (Ed.). *The road to academic excellence: the making of world-class research universities*. Washington, DC: The World Bank, 2011. p. 1-8. (Directions in Development).
- ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, [s. l.], v. 145, p. 3-8, déc. 2002.
- DIAS SOBRINHO, J. Educação superior: bem público, equidade e democratização. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 107-126, mar. 2013.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HAZELKORN, E. *Rankings and the reshaping of higher education: the battle for world-class excellence*. London: Palgrave Macmillan, 2011.
- MARTINS, C. B. Reconfiguração do ensino superior em tempos de globalização. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 42, e241544, 2021.
- MARX, K. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MILLOT, B. Classificar sistemas universitários é mais útil do que produzir rankings de instituições isoladas. *International Higher Education*, [s. l.], n. 75, p. 62-63, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ihe/IHE75port.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.
- MOROSINI, M. C. Qualidade da educação superior e contextos emergentes. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 385-405, jul. 2014.
- OLIVEIRA, J. F. A pós-graduação e a pesquisa no Brasil: processos de regulação e de reconfiguração da formação e da produção do trabalho acadêmico. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 343-363, jul./dez. 2015.
- PEREIRA, E. M. A.; ALMEIDA, M. L. P. Apresentação. In: PEREIRA, E. M. A.; ALMEIDA, M. L. P. (Org.). *Reforma universitária e a construção do espaço europeu de educação superior: análise de uma década do Processo de Bolonha*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 7-16.

ROBERTSON, S. L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? Tradução: Alfredo Macedo Gomes e Roderick Somerville Kay. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 407-422, set./dez. 2009.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SQUIRRA, S. Sociedade do conhecimento. In: MELO, J. M.; SATHLER, L. *Direitos à comunicação na sociedade da informação*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005. p. 253-274.

José Vieira de Sousa, doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), é professor titular do Departamento de Políticas Públicas e Gestão da Educação da UnB e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa universidade. Líder do Grupo de Estudos de Políticas de Avaliação da Educação Superior (Gepaes). Bolsista de produtividade em pesquisa em Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

sovieira@unb.br

Margareth Guerra dos Santos, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é professora associada I do Departamento de Educação da Universidade Federal do Amapá (Unifap) e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação dessa universidade. Líder do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Avaliação da Educação Superior (Lepaes).

margarethguerraunifap@gmail.com

Recebido em 31 de agosto de 2022

Aprovado em 12 de abril de 2023